

## A Compreensão na Construção da Comunicação Feminista<sup>1</sup>

Nathalia Garcia Parra<sup>2</sup>

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### Resumo

A linguagem e as narrativas utilizadas pelos meios de comunicação têm naturalizado e propagado valores e conceitos intrínsecos à sociedade patriarcal. A língua em si não é sexista, no entanto a forma como ela é utilizada na sociedade e no jornalismo pode contribuir para a construção e a perpetuação de estereótipos das mulheres. Diante dessa constatação, este artigo tem como objetivo central repensar e identificar narrativas contra-hegemônicas, comprometidas com os interesses das mulheres, e recriar linguagem capazes de construir e viabilizar uma comunicação feminista. Para alcançar o objetivo proposto, recorreremos à compreensão como método de construção de uma comunicação feminista, que busca posturas reflexivas e reconhece a urgência de narrativas plurais. Com isso, partimos da hipótese de que seja possível desnaturalizar as representações cotidianas das mulheres.

**Palavras-chave:** Narrativas midiáticas; Compreensão; Feminismo; Comunicação Feminista; Linguagem.

### Introdução

Ao longo da história ocidental, a humanidade foi e continua sendo repartida em categorias de indivíduos que se manifestam de maneiras diferentes devido a vestimentas, corpos, comportamentos e ocupações. Segundo Beauvoir (1960), a sociedade desenvolveu-se em duas castas: homens e mulheres. O que difere ambas as castas é a estrutura fisiológica de cada ser humano, no entanto, aos sexos foram atribuídas e naturalizadas características simbólicas, sociais e políticas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Nathalia Garcia Parra é estudante de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero e pesquisadora discente do Centro Interdisciplinar de Pesquisa. Participou do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom com a pesquisa “Os Reflexos do Sexismo e Especismo na Mídia”. E-mail: nathaliagparra@gmail.com

Ao sexo feminino foi conferida a submissão, delicadeza, sensibilidade, entre outros signos que configuram a feminilidade. Tal conjunto de características legitima perante a sociedade a inferioridade da mulher, o que reflete na questão econômica, na ocupação de espaços públicos e na política (BEAUVOIR, 1960).

Não é possível delinear na história um momento concreto em que a divisão de castas foi posta, no entanto sabe-se que a relação entre homens e mulheres sempre foi hierárquica: o indivíduo do sexo masculino é posto como o positivo ou o neutro, enquanto as mulheres aparecem como o negativo. Segundo Beauvoir:

(..) há um tipo humano absoluto que é o masculino. A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. (1960, p. 10)

Para a autora, a mulher determina-se a e difere-se em relação ao homem, e não ao contrário. O homem é tipo como o essencial, o Absoluto e o Sujeito, enquanto a mulher é considerada o Outro. A divisão de castas sexuais só é possível quando o Sujeito se opõe àquele que é tido como objeto, no caso, as pessoas do sexo feminino.

Essa divisão Sujeito-Outro se manifesta na linguagem quando ‘Homem’ é utilizado para se referir à humanidade. O homem é posto como a norma, como o natural, enquanto às mulheres é conferida a invisibilidade e a exclusão.

### **Linguagem e narrativas cotidianas**

A linguagem é uma construção social e histórica permeada por ideologias, valores e pensamentos e varia de acordo com determinada cultura. É ela quem nos ensina a pensar e entender a sociedade e determina nomes para objetos, sentimentos e relações. Como reflexo da sociedade patriarcal, a linguagem é um dos mecanismos de perpetuação de discriminação e exclusão das mulheres. (citar a referência de onde você extraiu a ideia)

Uma característica específica do ser humano é a capacidade de significar e significar-se. O que medeia esse aspecto é a linguagem, sistemas de signos que dão condições à construção de discursos, seja verbal, escrito ou gestual. Segundo ~~Eni~~Orlandi, por discurso entende-se “o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 1999, p. 17).

O discurso se materializa na língua e é compenetrado pela ideologia. Os dizeres não são transparentes e constituem sentidos e significados permeados pela memória, pela historicidade e por um contexto sócio-cultural. Dessa forma, o estudo discursivo pretende “compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento” (ORLANDI, 1999, p. 19).

Uma das estruturas sociais que moldam de forma sutil a língua é o patriarcado, que se baseia em um sistema de valores universais comprometidos na manutenção da hegemonia masculina. Para Rowland e Klein:

O patriarcado é um sistema de estruturas e instituições criadas por homens de forma a sustentar e recriar o poder masculino e a subordinação feminina. Tais estruturas incluem: instituições tais como a lei, a religião e a família; ideologias que perpetuam a posição “naturalmente” inferior das mulheres; processos de socialização que garantem que as mulheres e homens desenvolvam comportamentos e sistemas de crenças apropriados ao grupo poderoso ou menos poderoso a que pertencem. (ROWLAND; KLEIN, 1997, p.8)

A língua portuguesa-brasileira será utilizada como referência para exemplificar como o machismo se expressa nos enunciados. Com intenções sociais e políticas, a generalização na linguagem, isso é, quando nos referimos a um coletivo constituído por homens e mulheres, temos como regra a nomear o conjunto com a flexão de gênero masculina. Retomando Beauvoir, o homem é naturalizado como sujeito neutro, enquanto as mulheres permanecerem escondidas pelo discurso.

Tomando como exemplo a frase “Os alunos estão estudando matemática”, como sabemos que ela refere-se a um grupo misto? Quando flexionamos pronomes para o masculino, o que garante a inclusão de mulheres no discurso? Segundo o *Manual para o Uso Não Sexista da Linguagem*:

(...) As palavras não podem significar algo diferente do que nomeiam. O conjunto da humanidade está formado por mulheres e homens, mas em nenhum caso a palavra “homem” representa a mulher.

Para que a mulher esteja representada é necessário nomeá-la. Como fazemos quando queremos especificar que já entramos no inverno. O verão, o outono e a primavera são estações, mas não dizemos que entramos em uma estação quando queremos nos referir ao começo do inverno (FRANCO e CERVERA, 2009, p. 17).

Outra emblemática na linguagem é a masculinização e a feminilização de profissões, como o uso automático de “médicos” e “enfermeiras”. A comunicação é permeada de marcas políticas, culturais e sociais que buscam colocar a mulher em sua posição “negativa”, como constata Beauvoir, e supervalorizar pessoas do sexo masculino.

A língua em si não é um sistema sexista, no entanto, seu uso na linguagem a torna um mecanismo de silêncio em relação à existência das mulheres. Por outro lado, segundo as autoras do *Manual*, “a língua é um instrumento flexível, em evolução constante, que pode ser perfeitamente adaptada a nossa necessidade ou ao desejo de comunicar, de criar uma sociedade mais equitativa” (FRANCO e CERVERA, 2009, p.26).

A comunicação torna-se também uma das ferramentas responsáveis pela naturalização de papéis de gênero. A mídia mantém e propaga o pensamento hegemônico e constrói narrativas não condizentes com a complexa realidade das mulheres.

Segundo Sá Martino, “ao narrarmos, devemos necessariamente transformar a sincronia de uma realidade complexa na diacronia das palavras, temas e assuntos mais ou menos encadeados” (2014, p. 22). A pluralidade de narrativas cotidianas tece uma realidade coletiva e individual, que é constituída por diferentes percepções de mundo.

As narrativas jornalísticas falham ao naturalizar o mundo e neutralizar contextos históricos, sociais e culturais inseridos em nosso cotidiano. Os meios de comunicação constroem imagens depreciativas das mulheres e reforçam estereótipos de gênero. Segundo o *Manual*:

(...) o papel atribuído às mulheres, onde além do mais aparecem em menor porcentagem que os homens, são os de vítimas, personagens cômicos, objetos sexuais e, ultimamente da “super mulher”: bonita, inteligente, com estudos superiores, mãe de família e trabalhadora assalariada, amante e feliz com sua vida. É raro que apareçam mensagens nas quais se questione a dupla jornada de trabalho desempenhada por essas mulheres ou nas que as protagonistas sejam mulheres que estão no poder ou consultadas como especialistas (FRANCO e CERVERA, 2009, p. 23)

Para Mano, “a mídia, como mantenedora e propagadora de hegemonia, seria uma das detentoras do “monopólio da ‘identidade’ humana” (MANO, 2012, p. 5). Dessa forma, a comunicação está desintegrada da realidade, na medida em que há um controle das perspectivas que serão narradas - isto é, as pertencentes à supremacia masculina.

A partir da análise de notícias publicadas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, no período de 1985 a 2005, referentes ao 8 de março, importante data para o movimento feminista, Mano identificou que a mídia não se preocupou em dar voz às mulheres. Segundo a autora, cerca de 61% das matérias não ouviram fontes envolvidas com o movimento de mulheres.

Além disso, as notícias sobre o Dia Internacional da Luta da Mulher não obtiveram destaque em 78,1% do total das matérias dos jornais. Somente 12 matérias ganharam chamada principal na página em que foram publicadas. O estudo de Mano apontou ainda que 59% dos textos recorreram a uma linguagem sexista. Eram utilizados termos como “os manifestantes” e “os organizadores” para se referir a ações organizadas apenas por mulheres.

A linguagem também se encarrega de ser uma mantenedora de papéis sexuais. Segundo Mano, ao falar sobre a sem-terra Diolinda Alvez de Souza, o Estadão se referiu a ela como “mulher do líder José Rainha Júnior”. Dessa forma, é reforçada a posição da mulher enquanto Outro, que põe a sua existência em função do homem.

A linguagem é um dos principais instrumentos de disseminação de valores patriarcais. Segundo o *Manual*:

(...) a linguagem é um dos agentes de socialização de gênero mais importantes ao moldar nosso pensamento e transmitir uma discriminação por motivo de sexo. A língua tem um valor simbólico enorme, o que não se nomeia não existe, e durante muito tempo, ao utilizar uma linguagem androcêntrica e sexista, as mulheres não existiram e foram discriminadas. Foi nos ensinado que a única opção é ver o mundo com olhos masculinos, mas essa opção oculta os olhos femininos (GUERRA, 2009, p. 26).

### **Compreensão como base da comunicação**

A noção de compreensão pode ser um método para a construção de uma comunicação que preze por alteridade. Compreender é conferir múltiplos significados a um acontecimento e questionar constantemente a racionalidade, o conhecimento e as certezas. A compreensão é

intrínseca ao reconhecimento do sujeito com o mundo, isto é, na realidade em que está inserido. Para Hannah Arendt:

A compreensão, diferentemente da informação correta e do conhecimento científico, é um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos. É uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, chegamos a um acordo e a uma conciliação com a realidade, isto é, tentamos sentir o mundo como nossa casa (ARENDDT, 2008, p. 330).

Um olhar compreensivo não busca resultados definitivos, mas se preocupa com o exercício da escuta e da alteridade. A posição em que se ocupa no mundo está diretamente ligada a uma determinada percepção de realidade. Sair desta posição e de si é necessário para que se mergulhe em outras perspectivas na tentativa de compreender o mundo, que é tecido por diferentes narrativas.

A própria linguagem e, principalmente, o discurso muitas vezes carecem de compreensão. A produção de sentidos e de significados é feita por e para sujeitos que possuem diferentes e limitadas interpretações acerca de um mesmo enunciado. Para Orlandi:

Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. (ORLANDI, 1999, p. 26)

A comunicação deve ter como cerne a noção de compreensão para que ela não diga respeito apenas a uma parcela da população e, sim, a toda sociedade. Buscar traduzir e representar diferentes realidades é necessário para a construção de um jornalismo democrático e contra-hegemônico, que diga respeito não apenas às mulheres, mas também a outras minorias, como a população negra, LGBT, povos e comunidades tradicionais.

### **Estratégias para uma comunicação feminista**

A partir do que foi apresentado acima, podemos entender que o jornalismo é sexista desde a linguagem adotada em suas narrativas até a localização que as matérias sobre mulheres

ocupam nas páginas dos jornais. Posto que a comunicação vigente é sexista, como construir bases para uma comunicação feminista, que preze pelos interesses das mulheres?

Para Mano, começar a pensar em uma nova forma de comunicação que garanta a participação das mulheres no debate sobre democratização da mídia deve ser posto em pauta. Segundo a autora:

Uma proposta inicial é inverter a equação sobre quem controla o quê e tentar vislumbrar a possibilidade de um controle público dos meios de comunicação. Para tanto, no Brasil seria preciso estabelecer forma de regulação dos meios de comunicação e fazer com que o Estado burguês assumisse de fato o papel de garantidor do direito à comunicação, previsto na Constituição Federal (1988). (MANO, 2012, p. 13)

Nesse sentido, é importante ressaltamos que a maior parte do poder em relação aos meios de comunicação está concentrada nas mãos de homens brancos, que controlam o que será veiculado e repassado para o público.

É importante retomar que a língua é um mecanismo em trânsito e a forma como ela é utilizada revela se há uma preocupação em construir uma sociedade inclusiva ou não. Por isso, para que a comunicação se adapte à realidade social das mulheres precisamos rever a linguagem utilizada.

A linguagem considerada genérica coloca o artigo **o** como neutro. No entanto, já vimos que ao colocarmos o masculino como referência, as mulheres são apagadas. Para recuperarmos a visibilidade das mulheres, podemos usar uma linguagem neutra, que represente tanto o feminino quanto o masculino. As tabelas abaixo mostram exemplos do *Manual*:



<b>Em lugar de:</b>	<b>Utilizar:</b>
Os meninos	As crianças / A infância
Os homens	A população / O povo
Os cidadãos	A cidadania
Os filhos	A descendência / A prole
Os trabalhadores	O pessoal
Os professores	O professorado / O corpo docente
Os eleitores	O eleitorado
Os jovens	A juventude
Os homens	A humanidade

<b>Não representa a toda a humanidade</b>	<b>Representa a humanidade</b>
Há 2.000 anos o homem vivia da caça	Há 2.000 anos se vivia da caça
Na época pré-histórica os homens escreviam mediante hieróglifos	Na época pré-histórica se escrevia mediante hieróglifos
O trabalho do homem melhora sua vida	O trabalho da humanidade melhora a vida
É benéfico para o homem	É benéfico para a sociedade/ É benéfico para as pessoas
Atuação do homem na clonagem de animais pré-históricos	Atuação de especialistas na clonagem de animais pré-históricos
Houve mutação das espécies pela ação predatória do homem	Houve mutação das espécies pela ação predatória das pessoas, do gênero humano
É Responsabilidade do homem a manutenção da biodiversidade	É Responsabilidade da humanidade a manutenção da biodiversidade
Já era homem quando perdeu o pai	Já era adulto quando perdeu o pai
É apenas um homem, não pode fazer milagres	É apenas um ser humano, não pode fazer milagres

Dessa forma, o masculino não é posto como universal e pode-se afirmar que as mulheres também estão incluídas no discurso.

Como foi citado o exemplo de Diolinda Alvez de Sousa, a linguagem e o discurso reforçam estereótipos e lidam com o feminino para questões privadas que denotam posse. Entender o que são as construções sociais de sexo na sociedade é importante para que os papéis determinados às mulheres não sejam postos como realidade social.

Compreender as construções sociais e não se limitar a um olhar masculino de mundo também implica na relevância que é dada à pauta de mulheres e na posição que as matérias



referentes ao sexo feminino ocupam em meios de comunicação. É necessário garantir espaços para que a voz de mulheres seja ouvida de forma plena e plural, tanto como fonte relevante e necessária para matérias, quanto como comunicadora disposta a narrar suas próprias realidades. Em relação aos resultados obtidos em sua pesquisa, Mano conclui:

(...) sobre o posicionamento das notícias nos jornais, pudemos constatar na pesquisa que, apesar de obter algum destaque, as mulheres protagonistas de ações políticas raramente obtiveram chamadas na capa ou são a notícia principal da página. Para modificar essa situação, seria necessária uma mudança de mentalidade nas instâncias de direção dos periódicos. E, considerando mais uma vez a teoria gramscianiana, isto não seria possível sem uma transformação social mais ampla (MANO, 2010, p. 16)

Por fim, a noção de compreensão perpassa todos os âmbitos necessários para a construção de uma comunicação feminista: democracia, linguagem, discurso e narrativas. A comunicação feminista só é possível a partir de um olhar compreensivo para com as mulheres, no qual todas as realidades sejam retratadas, ao invés de negadas.

A revista Capitolina, objeto de análise deste artigo, é uma plataforma online independente voltada para garotas adolescentes e tem como objetivo representar as diversas narrativas de mulheres que tecem a realidade social. O conteúdo é produzido por colaboradoras e também se propõe a outras formas de comunicação além da escrita: quadrinhos, fotografias e produção literária.

A proposta do portal é fazer com que as leitoras se identifiquem com as experiências narradas. As colaboradoras se propõem a construir um diálogo com quem as lê, de forma acessível e inclusiva, respeitando a pluralidade de jovens: lésbicas, negras, bissexuais, com deficiência, de diferentes classes sociais, entre outras que não se encaixam nos moldes tradicionais e são excluídas das narrativas jornalísticas.

Por ser um site feito por e para mulheres, a linguagem utilizada não dissemina papéis sexuais nem generalizações que coloquem o homem como ser universal. Pelo contrário, as colaboradoras têm o cuidado em relacionar temas frequentes nos meios de comunicação, como artes, relacionamentos, moda e games, relacionando à realidade de suas leitoras e cedendo espaços a mulheres que não ganham destaque na mídia tradicional.



Nessa página da Capitolina é possível notar a pluralidade de narrativas elaboradas pelas colaboradoras. Na seção “Cinema & TV”, as matérias não correspondem às que costumamos encontrar nos meios de comunicação.

Assuntos como “Kbela, Shonda e a voz da mulher negra”, “O que o BBB pode nos dizer sobre poder e elitismo cultural” e “Violência contra a mulher e a narrativa” revelam a preocupação da revista em lidar com temáticas cotidianas e corriqueiras a partir de outras perspectivas. Como por exemplo, uma perspectiva crítica a violência contra a mulher e o protagonismo da mulher negra.

A Capitolina busca a compreensão nas histórias contadas e nos assuntos abordados. Lidar com as pautas femininas de forma respeitosa e plural é fundamental para a construção de uma comunicação feminista.

As mídias tradicionais muitas vezes perpetuam valores patriarcais, reforçam estereótipos impostos às mulheres e não traduzem a realidade social das mulheres. A partir da noção de compreensão, é possível reconstruirmos a linguagem, as narrativas e os meios de comunicação e, dessa forma, viabilizarmos uma comunicação feminista.

## Referências

- ARENDDT, H. (2011). **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. São Paulo, SP: Editora Schwarcz.
- BEAUVOIR, S. d. (1960). **O segundo sexo - fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- FRANCO, P. V e CERVERA, J.P. **Manual para o uso não sexista da linguagem (2014)**. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>  
Acesso em: 5 de abril de 2016
- MANO, M. K. **De um jornalismo sexista a um jornalismo com perspectiva de gênero**. (2012) In: Os Estudos feministas e de gênero e as matrizes da desigualdade: sexismo, racismo e lesbo-homofobia. Acesso em junho de 2016
- MARTINO, L. M. (2014). **Prefácio: A compreensão como método**. In: D. A. Künsch, G. Azevedo, P. D. Brito, & V. R. Mansi, Comunicação, diálogo e compreensão. São Paulo, SP: Plêiade.
- ORLANDI, E. P. (1999). **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes.

ROWLAND, Robyn; KLEIN, Renate. **Radical Feminism:** History, Politics, Action. (1997)  
In: Radically Speaking: Feminism Reclaimed. Acesso em abril de 2016